

POLÍTICAS DO FEITIÇO: APARIÇÃO COMO ARQUIVO DO SENSÍVEL

***POLÍTICAS DEL HECHIZO: APARICIÓN
COMO ARCHIVO DE LO SENSIBLE***

***POLITICS OF WITCHCRAFT: APPEARANCE
AS AN ARCHIVE OF THE SENSIBLE***

Liege Pereira dos Santos

LIEGESANTOS@GMAIL.COM

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor o conceito de aparição como uma tecnologia simbólica e sensível que atua como contrafeitiço aos regimes coloniais de visibilidade. Entendida não como representação, mas como presença insurgente, a aparição se manifesta como gesto de interrupção, como fabulação do sensível que escapa à gramática da norma. O trabalho parte de um referencial teórico que articula a colonialidade do ver (Mignolo), a memória subterrânea (Pollak) e a opacidade como ética (Glissant), integrando também reflexões de bell hooks sobre alteridade e desejo. O método consiste em uma abordagem crítica e ensaística, que entrelaça análise de práticas artísticas contemporâneas — como as de Rona Neves, Pitô, Mariana Maia, Castiel Vitorino e Aïda Muluneh — a uma escritura performativa de natureza poético-política. A pesquisa se ancora em práticas corporais, visualidades ritualísticas e modos de saber não hegemônicos, entendendo o corpo como arquivo e linguagem. Como conclusão, a aparição é apresentada como um gesto que rasura a lógica classificatória colonial, acionando memórias interditas e saberes subterrâneos. Ela atua como força

contra-hegemônica que convoca outras temporalidades, afetos e formas de existir. O artigo afirma o corpo como lugar de enunciação e reinvenção do mundo, onde o invisível atua e reencanta a cena sensível.

Palavras-chave: Artes Visuais. Memória Cultural. Teoria crítica da arte. Estética Decolonial. Aparição.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo proponer el concepto de aparición como una tecnología simbólica y sensible que actúa como contraconjuro frente a los regímenes coloniales de visibilidad. Entendida no como representación, sino como presencia insurgente, la aparición se manifiesta como interrupción, como fabulación de lo sensible que escapa a la gramática de la norma. El trabajo se fundamenta en un marco teórico que articula la colonialidad del ver (Mignolo), la memoria subterránea (Pollak) y la opacidad como ética (Glissant), integrando también reflexiones de bell hooks sobre alteridad y deseo. El método consiste en un enfoque crítico y ensayístico, que entrelaza el análisis de prácticas artísticas contemporáneas —como las de Rona Neves, Pitô, Mariana Maia, Castiel Vitorino y Aïda Muluneh— con una escritura performativa de naturaleza poético-política. La investigación se ancla en prácticas corporales, visualidades rituales y formas de conocimiento no hegemónicas, entendiendo el cuerpo como archivo y lenguaje. Como conclusión, se propone la aparición como un movimiento que desorganiza la lógica clasificatoria colonial, activando memorias negadas y saberes silenciosos. Opera como fuerza contrahegemónica que convoca otras temporalidades, afectos y modos de existir. El artículo afirma el cuerpo como lugar de enunciación y reinvención del mundo, donde lo invisible actúa y vuelve a encantar la escena sensible.

Palabras clave: Artes Visuales. Memoria Cultural. Teoría crítica del arte. Estética decolonial. Aparición.

ABSTRACT

This article proposes the concept of apparition as a symbolic and sensitive technology that functions as a counter-spell to colonial regimes of visibility. Understood not as representation, but as insurgent presence, the apparition emerges as a gesture of interruption — a fabulation of the sensible that escapes the grammar of normativity. The theoretical framework draws from Mignolo's concept of the colonality of seeing, Pollak's subterranean memory, and Glissant's ethics of opacity, while also incorporating bell hooks's reflections on alterity and desire. The method follows a critical and

essayistic approach, interweaving analysis of contemporary artistic practices — including those of Rona Neves, Pitô, Mariana Maia, Castiel Vitorino, and Aïda Muluneh — with a performative and poetic-political writing. The research is anchored in embodied practices, ritualistic visualities, and non-hegemonic forms of knowledge, understanding the body as both archive and language. As a conclusion, apparition is framed as a disruptive movement that unsettles colonial classificatory logic, reactivating forbidden memories and subaltern knowledges. It operates as a counter-hegemonic force that evokes alternate temporalities, affects, and ways of existing. The article asserts the body as a site of enunciation and world-making — where the invisible acts and re-enchants the sensible scene.

Keywords: Visual Arts. Cultural Memory. Critical Art Theory. Decolonial Aesthetics. Apparition.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe o conceito de aparição como um gesto poético-político que evidencia a fricção entre imagem, memória e sujeito, manifestando-se como um modo de fabular a si mesmo no mundo. Trata-se de um gesto que não representa, mas apresenta. Um arquivo do sensível, que convoca afetações assentadas no território. Ao pensar a aparição como movimento, deslocamos seu sentido do campo da religiosidade para um território sensível em disputa: o corpo atravessado por ausências e silenciamentos, que insiste em existir como imagem e como interrupção.

Neste percurso, articulamos experiências artísticas e filosóficas, pensando o corpo como campo de linguagem e resistência, revelando formas de insurgência e escrita artística que tensionam o visível.

A proposta aqui se inscreve na encruzilhada entre imagem e contemporaneidade, justamente porque compreendemos a aparição como uma narrativa-em-ação — um modo de produzir conhecimento que atravessa corpo, palavra e silêncio, tensionando a hegemonia epistêmica que ainda estrutura o campo da arte e da política.

A colonialidade como feitiço

O projeto colonial é, antes de tudo, uma praguejância: narrativa que nomeia para possuir, define para capturar — um discurso onde a diferença se faz marca de inferioridade. Tudo aquilo que lhe escapa é excomungado: apontado como desvio, aberração, lançado ao abismo, arruinado.

Herética, a colonialidade deseja em silêncio o Outro sob a signo do fetiche, para dominá-lo simbólica e sensivelmente: esvaziá-lo, convertê-lo em superfície estética para reafirmação de sua própria centralidade (hooks, 2002). A cultura dominante transforma a alteridade em campo de experimentação segura, onde se pode brincar de transgressão sem jamais abrir mão do privilégio. Tudo aquilo que excede o alcance do olhar — considerado princípio privilegiado do conhecimento —, ou que não se restringe a esse campo, torna-se "ex-ótico": deslocado para além do compreensível, legitimando o estranhamento e, com ele, a violência. O projeto europeu de fazer do mundo sua colônia é iniciado pela feitura de uma maldição; um constructo discursivo e político que institui a lógica da monstruosidade e estabelece a separação como princípio ordenador do mundo.

Constroem-se "sub-humanidades" fora da razão, fora da linguagem — matéria a ser governada, redimida ou, ainda, eliminada. Para que esse projeto se mantenha operante, é preciso rearticular as inscrições, redesenhar as fronteiras, reinscrever os mapas do mundo. Repetir a maldição por muitas noites, até que ela retorne como verdade.

Na barbárie se estabelece um jogo de vida e morte entre os signos: mais do que uma simples mediação simbólica, as representações operam como tecnologia de produção do real. No campo do sensível, a história estética, especialmente a partir da normatividade kantiana do belo, colonizou a experiência sensível, convertendo-a num regime de valoração eurocentrado, excludente e disciplinador. Esse processo desloca a *aisthesis* do seu sentido radical, cosmoperceptivo e afetivo, para uma estrutura normativa de juízo. O que escapa ao olhar hegemônico é silenciado ou marginalizado (Mignolo, 2008). A alteridade, agora monstruosa, é estratificada na exceção, reforçando os limites do "normal".

Ao estabelecer normas de visibilidade e reconhecimento, se naturaliza uma filosofia excludente, na qual O Outro é convocado apenas como contraste. Não é sujeito de enunciação, mas objeto contemplado. Assim, o regime da imagem define o que pode

ou não aparecer, o que é digno de ser visto e que deve ser enterrado. Toda experiência de vida que desafie o paradigma dominante — seja por sua origem, linguagem, ou intensidade — é empalidecida.

Entretanto, todo corpo que sobrevive a uma maldição fabrica, em silêncio, seu próprio modo de dizê-la ao avesso. Esse gesto é muitas vezes rezado entre os dentes, velado, mas sempre insurgente. É no entremeio do trauma e da memória, no resíduo, que o corpo inventa uma linguagem outra — uma escrita que não precisa de permissão para existir.

Aparição; arquivo do sensível

Conforme Pollak (1989), a memória não desaparece quando interditada, mas se desloca, desliza dos documentos e dos registros oficiais, para silenciosamente, infiltrar-se em coreografias íntimas, na sutileza dos movimentos. Ela resiste como uma contra-história balbuciada e não obedece à linearidade do relógio nem à lógica da monumentalização: reaparecem inadvertidamente pelas frestas. No silenciamento, o corpo (re)existe como a única palavra que pode narrar o que não pôde ser dito e, desse modo, "as reminiscências do proibido, e, portanto, clandestino, ocupam toda a cena" (POLLAK, 1989, p. 5).

Presenças se precipitam como vestígios de uma memória interditada pela violência, obstinadamente viva. Ela não se presta ao desejo colonial, porque não se oferece como superfície lisa ou objeto de captura. Ao contrário, aparece como interrupção, como gesto que conflita a gramática da visibilidade normativa. Não representa; apresenta. Convoca o Outro em sua narrativa, em sua presença insubmissível e seus segredos, subterraneamente transmitidos. É necessário conhecer as trilhas, os signos fraturados — uma volta ao contrário, que expõe as falhas da lógica colonial do "ver como conhecer"

Imagem 1. Liège Santos – *Outros Modos de Usar a Boca*. Fotoperformance. Impressão sobre canvas, 100 x 70 cm. Série homônima. Rio de Janeiro, 2025.



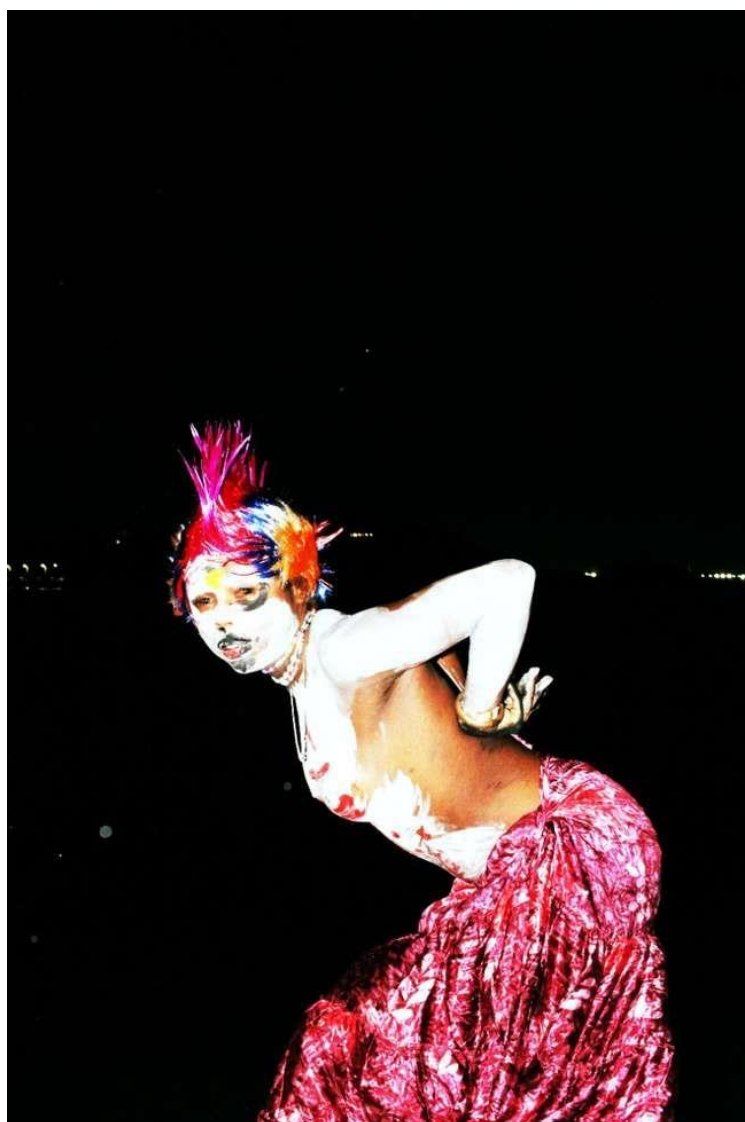
Ao torcer o destino que lhe foi imposto, o corpo não apenas sobrevive — ele refaz o sentido da linguagem. Seu gesto não é o de quem responde, mas o de quem interrompe. E ao interromper, aparece. Operando na fratura entre o dizível e o indizível, irrompe com o que já foi inconfessável, fazendo retornar aquilo que, mesmo impedido, nunca partiu. Uma vez soterrado, tornou-se fundamento em vez de desaparecer.

A aparição, assim, não apenas afasta o mal dito; ela o denuncia. Ela retorna ao mundo velhas coisas em novas formas. Como tecnologia, o encanto, imprevisível, atua contra a lógica classificatória do mundo colonial e desorganiza seus dispositivos de nomeação, suspensão e controle, abrindo espaço para o que transborda. Conforme já elaborado em "outros modos de usar a boca":

a aparição aparece — aqui e ali — até adquirir corpo, até se tornar experiência vívida; tal qual García Márquez e os escombros de sua avó, o íntimo museu

onírico de Bispo do Rosário, o corpoflor de Castiel Vitorino, as incorporações de Rona Neves. Mesmo desacreditada, é lembrada. Existe porque apareceu. Atravessa as imagens e não cabe em espécie, ordem ou reino: há uma ética outra na aparição, que reverbera fora da pauta. Uma epistemologia do mistério que reinaugura as gramáticas do imprevisível e reencontra o valor do transitório — portanto, a reconciliação com a memória que nos funda como resultado das escavações que o tempo tem permitido. (Santos, 2025, p.5)

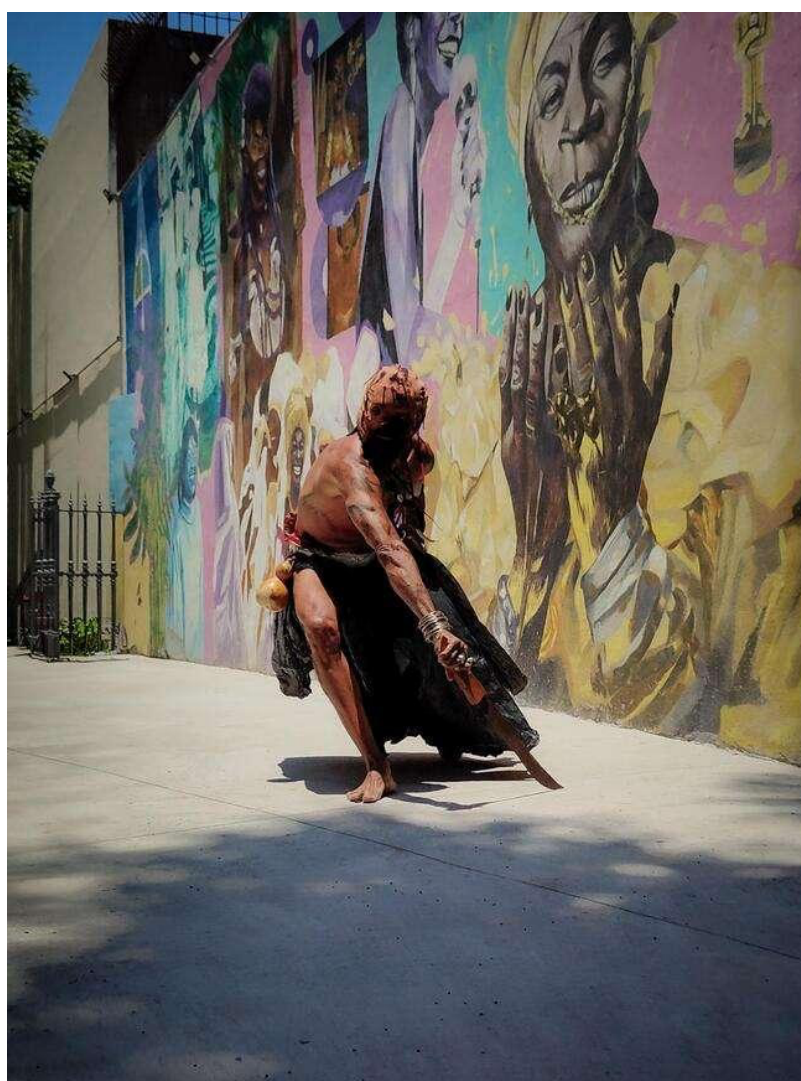
Imagem 2. Castiel Vitorino – *Corpoflor*. Fotografia digital.



Para Rona Neves, a aparição emerge como urgência corpórea — não se inicia pelo conceito, mas pelo impacto sensível do corpo que antecede a linguagem, a cena, a

instalação. É nele que tudo começa. Seu processo não obedece a um projeto prévio: as imagens, os materiais e as palavras acendem primeiro, como lampejos que desenharam a travessia. Nada está dado, tudo se dá. Há uma espécie de escuta interna que guia o gesto performativo, que Rona reconhece como portal, como reentrada no que havia sido esquecido. Ali, o tempo é outro: espiralar, repetir, refazer. Porque é preciso coragem para permanecer, coragem para negritar a escrita das possibilidades.

Imagem 3. Rona Neves – *Incorporação*. Performance realizada no MUHCAB, Rio de Janeiro, 2024.



Fonte: Registro autoral.

Aparição é extravazamento, o que insiste em sair de dentro. Rona fala em “incorporar de si”, em acolher os movimentos que não foram aprendidos, mas intuídos

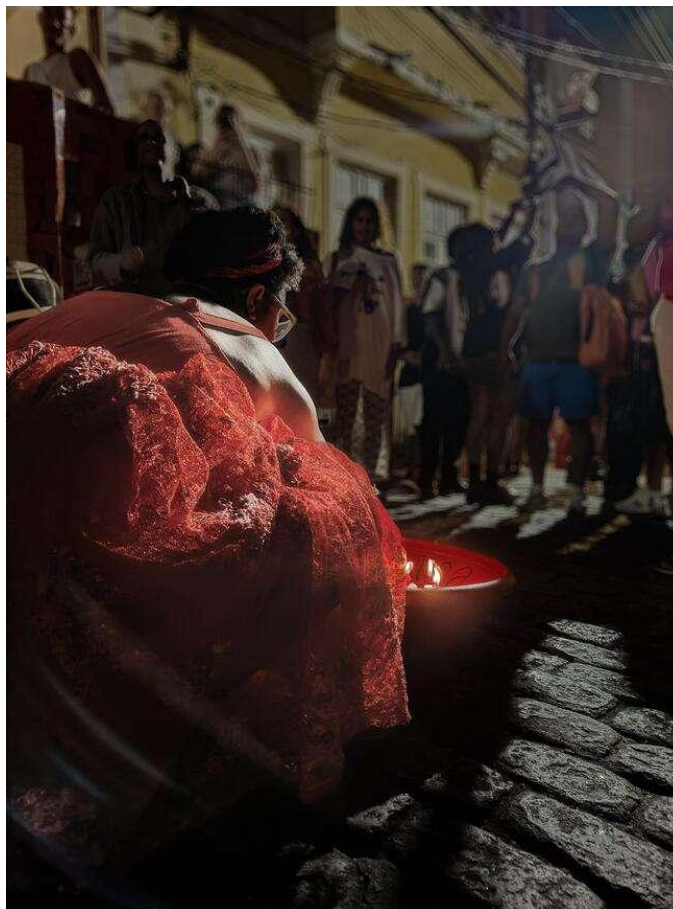
no corpo. Sua criação fabula o mundo a partir de restos — sacolas plásticas que se tornam máscaras, folhas de palmeira que se oferecem como saia, palavras que acendem imagens, imagens que acendem o corpo. O gesto performativo é prece. Cruzo entre o que não se vê e o que se torna visível, entre o que falta e o que se forma. Feliz encontro entre o sujeito e o que lhe precede de forma ancestral.

Imagem 4. Rona Neves e Liège Santos – *Àkòró*. Série fotoperformática. Fotografia digital. Rio de Janeiro, 2025.



A série *Àkòró*, desenvolvida por Rona Neves e Liège Santos, se inscreve nesse mesmo campo de ativação simbólica em que a aparição não se dá como evidência, mas como provocação do sensível. Aqui, a imagem não se entrega de imediato: exige pausa, exige segunda mirada. *Àkòró* reivindica o direito à opacidade (Glissant, 2007), como gesto de proteção e força: aquilo que se recusa a ser inteiramente decifrado, mas ainda assim pulsa, aparece, fere a transparência. Sua materialidade é contida — uma lâmina, um tecido, uma postura —, mas seu alcance convoca camadas de tempo. Atua como arqueografia do presente, escavando sentidos soterrados e reinscrevendo o corpo enquanto arquivo e signo.

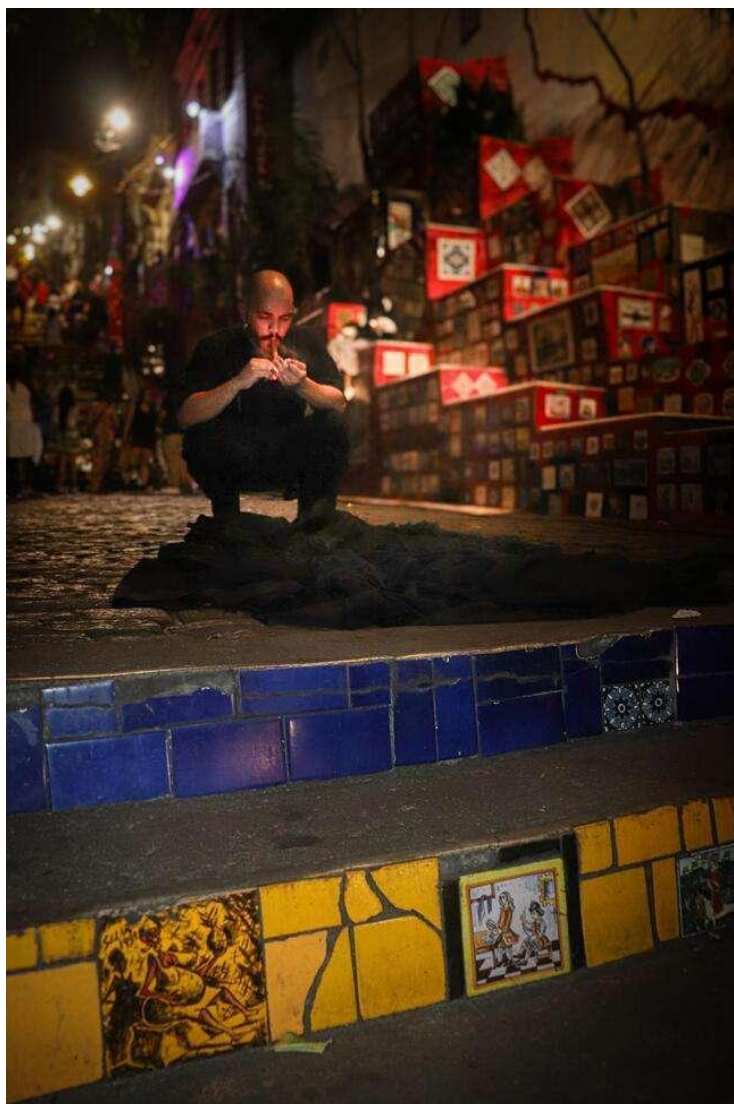
Imagem 5. Mariana Maia – *Seja Macumbeiro*. Performance. Escadaria Selarón, Rio de Janeiro, 2024



Fonte: Registro autoral

Em "*Seja Macumbeiro*" (2024), apresentado em 28 de setembro nas escadarias Selarón, Rio de Janeiro, Mariana Maia convida o público a performar pontos de Umbanda em roda: cantar, dançar e celebrar o que pulsa como memória encarnada. A performance convoca não apenas a participação, mas a incorporação — literalmente. A entidade Maria Mulambo, incorporada pelo líder religioso Pai Anderson de Omulu, se manifesta como corpo-imagem, corpo-presença, corpo-aparição. Parafraseando Hélio Oiticica, Mariana reflete sobre o gesto de "ser macumbeiro" como escolha política, estética e ética. Sua obra torna visível o que a normatividade busca desautorizar: a potência ritualística do corpo negro e a continuidade do sagrado no terreiro extenso do cotidiano.

Imagem 6. Pitô – *Coruja Preta*. Performance-instalação. Escadaria Selarón, Rio de Janeiro, 2024.



Fonte: Registro Autoral

Já na performance *Coruja Preta*, de Pitô, a aparição manifesta-se como fusão entre memória periférica, espiritualidade de terreiro e linguagem contemporânea. A obra evoca Maria Mulambo como presença viva e política, cruzando afetos formadores e resistência às violências normativas. O tecido torna-se vestígio encantado, e a saia — suspensa na instalação final — permanece como signo ritual, convocando a potência do corpo que não esquece.

Imagem 7. Aïda Muluneh – *The Wolf You Feed– Liberte / Freedom. Série The 99 Series*, 2019.



Nas imagens de Aïda Muluneh, a aparição se reinscreve como estratégia estética de enfrentamento à colonialidade do olhar. Suas figuras, dispostas frontalmente e carregadas de cor, silêncio e geometria, recusam a neutralidade e enfrentam o espectador com uma presença que não se explica: impõe-se. A pintura corporal — ressignificada em sua visualidade contemporânea — mantém sua ligação com o invisível, operando como linguagem entre mundos. Não há concessão ao exótico, mas afirmação de uma estética própria, onde o ornamento é código.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, aprofundo a escavação conceitual da aparição como figura poético-política e como campo de inscrição do sensível. A pesquisa opera na intersecção entre pensamento contracolonial, estética da dissidência e produção artística, investigando como imagens, gestos e linguagens performativas funcionam como estratégias de memória e invenção do presente. O conceito de aparição, tal como mobilizado aqui, remete a irrupções que desorganizam o visível, afirmando-se como arquivo do que resiste à normatividade histórica e epistemológica.

Ao invocar a aparição como contrafeito à maldição colonial, afirmamos o corpo como arquivo e como enigma — signo que fere o plano da evidência e se oferece, em vez disso, como rasura, intervalo e sobrevivência. A aparição desafia os dispositivos do reconhecimento normativo e inventa um campo próprio de presença, onde a memória atua como potência de reinvenção. Com isso, não buscamos reconstituir uma verdade anterior, mas ativar formas de conhecimento que escapam à lógica da certeza e ao domínio da transparência.

O que se inaugura é o convite a voltar os olhos para o lado de dentro, a perceber a percussão de si. O invisível age — e, agindo, desestabiliza a ordem imposta. Atua sobre o próprio tempo, desfazendo, hoje, o destino ruim lançado no ontem. Ponto que risca, cantiga que dança na boca do agora, erro que se torna acerto.

Os velhos não estão mortos.

REFERÊNCIAS

VITORINO, Castiel. **Corpoflor**. Fotografia digital. Arquivo de Intervet. Disponível em: https://castielvitorinobrasileiro.com/foto_corpoflor. Acesso em: 1 ago. 2025.

NEVES, Rona. **Entrevista concedida a Liège Santos**. Instituto Nise da Silveira, Rio de Janeiro, 14 de abr. 2025.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2020.

MIGNOLO, Walter. Aesthesis decolonial y liberación: el reencantamiento del cuerpo. Calle 14: **Revista de Investigación en el Campo del Arte**, Bogotá, v. 4, n. 4, p. 10–25,

2009. ISSN 2011-3757. Disponível em:
<http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/c14>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MULUNEH, Aïda. **The Wolf You Feed** – Liberte / Freedom. 2019. Disponível em:
<https://davidkrutprojects.com/artworks/36101/the-wolf-you-feed-series-liberte-freedom>. Acesso em: 1 ago. 2025.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SANTOS, Liège. Outros modos de usar a boca. **Anais do 34º Encontro da ANPAP**. No prelo, 2025.